

VARIAÇÃO LEXICAL E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Eliane da Rosa¹

RESUMO

Como as línguas são de natureza heterogênea e estão sujeitas a diferentes tipos de influências, verifica-se a necessidade de os aprendizes de inglês terem conhecimento da existência da variação na língua que estão aprendendo. A importância disso consiste em permitir que os falantes de uma determinada língua consigam manter uma comunicação inteligível e compreensível com outros falantes da mesma. O presente artigo visa a debater e a demonstrar a relevância de se abordar a variação lexical no âmbito do ensino do inglês, porque a maioria dos docentes e instrutores não dão a devida atenção para o ensino de fenômenos linguísticos.

Palavras-chave: Variação Lexical, Ensino, Inglês.

Introdução

De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008), as línguas são consideradas sistemas complexos e dinâmicos, que estão continuamente sendo transformados pelo uso. Devido a esta constante evolução e adaptação, as línguas acabam sofrendo processos de variação e mudança linguísticas para suprir as necessidades comunicativas de seus falantes.

Language has a fundamentally social function. Processes of human interaction along with domain-general cognitive processes shape the structure and knowledge of language. Recent research across a variety of disciplines in the cognitive sciences has demonstrated that patterns of use strongly affect how language is acquired, is structured, is organized in cognition, and changes over time. However, there is mounting evidence that processes of language acquisition, use, and change are not independent of one another but are facets of the same system (BECKNER et al., 2009, p. 2).

Logo, pode-se dizer que as estruturas da língua surgem a partir de padrões inter-relacionados de experiência, interação social e processos cognitivos. Apesar de a língua ser moldada pelas habilidades cognitivas humanas (BECKNER et al., 2009, p. 2), a mesma tem a função de promover a interação social humana. Isto quer dizer que a língua

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada (Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS), Mestre em Fonologia e Morfologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), e-mail: elianedr19@gmail.com.

evolui a partir de seu contexto social, ou seja, ela atua de forma significativa na cultura e na sociedade humana a ponto de servir como meio de transmissão, de elaboração e de aprimoramento do conhecimento cultural.

Partindo do preceito de que a cultura deve ser entendida, em parte, como o reflexo das escolhas humanas, ou melhor, daquilo que o ser humano considera importante e interessante, pode-se inferir que a língua e a cultura interagem entre si e influenciam-se mutuamente. Ao levar em consideração tais fatos, é imprescindível dizer que a língua acaba sofrendo processos de variações e mudanças linguísticas em decorrência da escolha por determinadas estruturas linguísticas por parte dos falantes. Para Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 80), “a language at any point in time is the way it is because of the way it has been used”. Em outras palavras, a língua está em constante evolução e transformação para suprir as necessidades comunicativas de seus falantes conforme o contexto sociocultural a que estão inseridos.

Já que a variação e a mudança linguísticas são inerentes a toda e qualquer língua, o presente artigo tem por objetivo debater e demonstrar a importância de se abordar a variação lexical nas aulas de língua inglesa. A justificativa para a escolha do tema reside no fato de a variação, em nível lexical, não receber a devida atenção por parte dos estudiosos, os quais, em sua maioria, dissertam sobre a variação linguística em geral ou acerca da variação em nível fonético-fonológico no âmbito do ensino de línguas.

A variação linguística

A língua é um sistema complexo e dinâmico, o qual está em constante evolução para suprir as necessidades comunicativas de seus falantes. Por ser um sistema aberto e sujeito às influências linguísticas e socioculturais, as formas da língua passam a sofrer processos de transformações que resultam em fenômenos de variações e mudanças no decorrer do tempo. Conforme a *Teoria dos Sistemas Complexos*, de Larsen-Freeman e Cameron (2007, p. 6),

Forms in language are therefore to be seen as epiphenomena of interaction. They are emergent stabilities or attractor states in the dynamic system, where the state of a complex system refers to current patterns of behaviour, not to stasis. As emergent forms are taken up as adaptations by members of a speech community, some become more

privileged than others and endure or, at least, change at slower rates than others. Privilege might be bestowed because certain structures have greater semantic or pragmatic utility or because they are associated with certain prestigious dialects or because of their specialized register or function.

Ainda que a língua esteja sempre suscetível a todos os tipos de influências e mudanças, a estrutura linguística consegue permanecer organizada de tal forma que a sua identidade como “mesma” língua não é alterada e nem afetada. Segundo Larsen-Freeman e Cameron (2007, p. 6), a motivação e as forças sociais, que giram em torno da identidade nacional e regional, têm um papel crucial para “manter” a língua do mesmo modo como as células do corpo humano estão constantemente sendo criadas e descartadas de modo a renovar a estrutura do corpo sem alterá-lo fisicamente.

Embora evoluam com o passar do tempo, as línguas continuam organizadas e oferecendo aos seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados (FARACO, 2005). Estas transformações são lentas e não causam nenhum prejuízo à estrutura da língua.

O falante escolhe as palavras e as construções linguísticas para comunicarem a respeito de uma situação com base no uso anterior destas mesmas formas em circunstâncias parecidas. O ouvinte, por sua vez, pratica o mesmo procedimento comunicativo no ato da fala. Cabe ressaltar, no entanto, que o conhecimento anterior que o ouvinte possui com relação ao uso destas formas não é o mesmo daquele do falante. No que se refere ao ato comunicativo, pode-se afirmar que ele é único e está sujeito a diferentes interpretações. Por causa disso, a língua pode acabar sofrendo alterações que resultarão em processos de variações e mudanças comumente encontrados nas línguas. Neste artigo, não entrar-se-á em maiores detalhes acerca da mudança, porque o foco do mesmo é variação, mais precisamente no nível lexical da língua inglesa.

Para Labov (2008 [1972]), a variação é uma característica das línguas e quer dizer duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa. Além disso, segundo o autor, a variação também permite diferenciar indivíduos, grupos, comunidades, estados e nações.

A variação pode ocorrer em qualquer língua, em todos os níveis da gramática (fonética/fonologia, morfologia, semântica, pragmática, sintaxe, léxico), em todas as variedades de uma língua, em todos os estilos, dialetos, registros escritos, em cada indivíduo e, também, na mesma sentença de um mesmo discurso (BECKNER et al.,

2009). Por exemplo, na língua inglesa, é possível observar alguns exemplos de fenômenos ocorrendo em diversos níveis da gramática (CHAMBERS et al., 2003; VAUX; GOLDBER, 2003; WOLFRAM; SCHILLING, 2016):

a) fonético-fonológico:

Ex: cos[t] me ~ cos[Ø] me

b) morfológico:

Ex: she likes ice cream ~ she like[Ø] ice cream

c) lexical:

Ex: soda ~ pop ~ coke ~ soft drink

d) sintático:

Ex: give it me ~ give it to me ~ give me it

e) semântico:

Ex: nut → fruit ~ tool ~ crazy ~ man's testicles

f) pragmático:

Ex: *Mr* }
Miss } + 1st name → special closeness ~ *Mr* }
Miss } + surname → respectful address

É importante mencionar que a variação linguística está presente no sistema de uma língua independentemente do contexto histórico, geográfico, sociocultural e da faixa etária e do nível de escolaridade de seus falantes. Isto quer dizer que os fenômenos de variação e mudanças podem surgir em todo o lugar e a todo o instante, pois os falantes “constroem” sua língua de acordo com suas necessidades comunicativas.

A variação lexical e o ensino de língua inglesa

Diversas pesquisas, provenientes do campo da Sociolinguística e da Dialetologia, têm demonstrado a presença da variação em todos os níveis da gramática. Aquela, por sua vez, pode ter sua origem a partir de diversos fatores, dentre eles pode-se destacar os internos à estrutura da língua (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática), e os externos à estrutura da língua ou extralinguísticos (sexo, faixa etária, nível de escolaridade, contexto sociocultural, contexto geográfico, etc.).

Todavia, é interessante mencionar que, no âmbito do ensino de línguas, a variação não recebe a atenção merecida por três motivos. Primeiro, grande parte dos docentes desconhecem a existência de estudos que investigam fenômenos de variação nas línguas ou não tem interesse em conhecer tais pesquisas e seus resultados. Segundo, a língua é considerada, pela maioria dos professores, como um sistema uniforme e imutável, cuja natureza é homogênea, logo não passível de sofrer variações em sua estrutura linguística. Isto é, pode-se inferir que estes profissionais só prestigiam a forma padrão da língua, considerando as demais variantes de uma determinada variável como “incorretas”. Terceiro, alguns profissionais preferem apenas ensinar a forma padrão de uma língua ou variedade da mesma, porque, dessa forma, não haverá a necessidade de aprofundar seus conhecimentos linguísticos com relação à língua que está sendo ensinada.

Para Labov² (2008 [1972]), a variação linguística ocorre em todas as línguas, na fala de uma comunidade e, até mesmo, na fala de um indivíduo de modo a demonstrar que a heterogeneidade é uma condição natural nas línguas humanas. Em outras palavras, as pesquisas de Labov e outros linguistas comprovam que a ideia de que as línguas são sistemas uniformes e de natureza homogênea não se sustenta mais nos dias de hoje. Portanto, não há como negar a importância e a necessidade do ensino da variação em sala de aula, pois quando uma língua serve como meio de comunicação e interação social é natural que a variação se apresente no decorrer do ato comunicativo entre seus falantes, independentemente da língua ser nativa ou L2/LE. Neste caso, o conhecimento da existência de fenômenos de variação nesta língua, por parte dos falantes-aprendizes, permitirá que os mesmos consigam comunicar-se de forma compreensível e inteligível com os demais falantes dessa língua. Conforme Wolfram e Schilling (2016, p.114):

² Pesquisador norte-americano considerado o precursor da Sociolinguística Variacionista.

One of the most obvious levels of dialect variation is the lexicon, or vocabulary, of a language. Most of us can remember times when our failure to recognize a word used by some regional or social group resulted in confusion, if not outright communication breakdown. We may have been surprised when we traveled to different places in the United States and ordered a *soda*, only to find that we received a simple carbonated drink in Philadelphia and a carbonated drink with ice cream in it in Chicago. Or we may have been surprised to discover that different people were referring to the same kind of animal when they talked *about mountain lions, cougars*, and sometimes even *panthers*.

Levando em consideração estas declarações de Wolfram e Schilling, presume-se que os aprendizes de línguas precisam ter a consciência de que irão se deparar com indivíduos ou comunidades de fala, que utilizam diferentes formas para se referirem a um mesmo conceito ou palavra. Isto quer dizer, por exemplo, que um falante-aprendiz de inglês como LE/L2³, que aprendeu a dizer *soft drink* para designar *refrigerante*, poderá interagir comunicativamente com falantes nativos ou não, que usam as formas *soda, coke* ou *pop* para se referirem ao mesmo termo em uma mesma ou em diferentes regiões dos Estados Unidos, conforme demonstra os resultados obtidos na pesquisa *The Harvard Dialect Survey*:

Figura 1 – Variações lexicais do termo “*refrigerante*” em inglês americano.⁴

³ LE significa língua estrangeira e, L2, segunda língua.

⁴ Disponível em: <http://www4.uwm.edu/FLL/linguistics/dialect/staticmaps/q_105.html>.

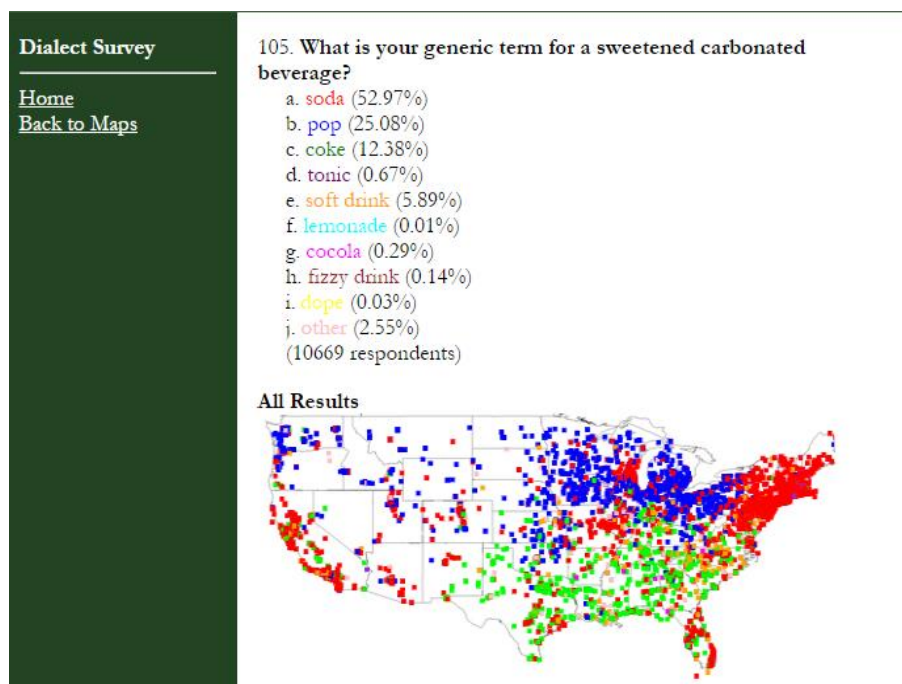
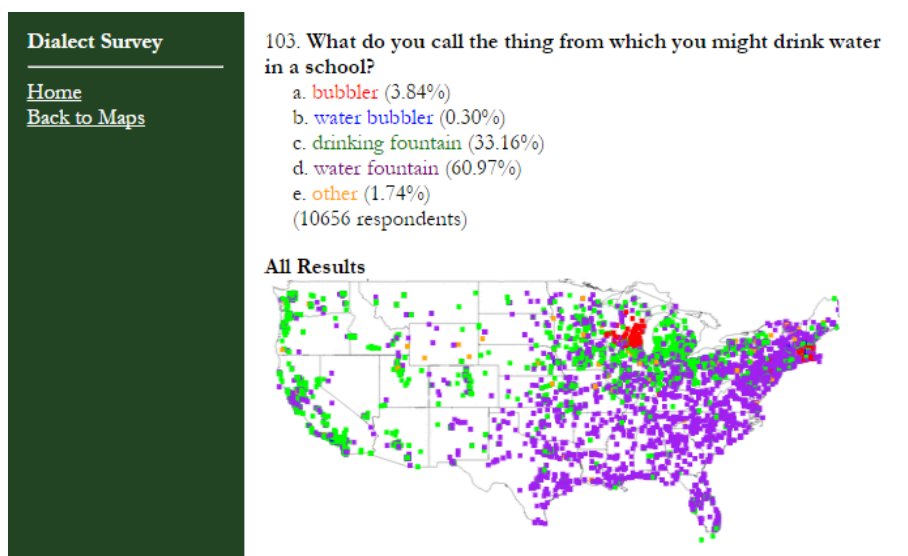


Figura 2 – Variações lexicais do termo “bebedouro” em inglês americano.⁵



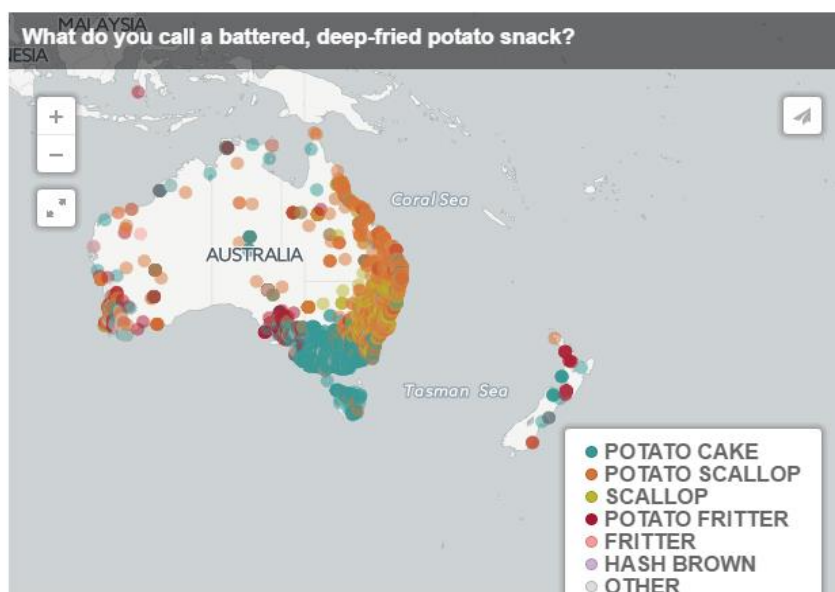
A pesquisa *The Harvard Dialect Survey*, desenvolvida pelo professor Bert Vaux, do Departamento de Linguística da Universidade de Harvard, e seus colaboradores, teve por objetivo estudar fenômenos de variação linguística no inglês de falantes norte-americanos através de uma série de perguntas, que incluíam pares de palavras que rimavam e vocabulário, com o propósito de investigar o léxico e os sons do inglês.

⁵ Disponível em: < http://www4.uwm.edu/FLL/linguistics/dialect/staticmaps/q_103.html>.

No site do *Harvard Dialect Survey*⁶, é possível encontrar diversos exemplos de processos de variação linguística na região dos Estados Unidos. Com base nestes dados, pode-se conjecturar que independentemente do espaço geográfico, um falante-aprendiz de inglês sempre encontrará falantes nativos ou não desse idioma utilizando formas diferentes para designarem um mesmo conceito, estrutura linguística ou som, por exemplo.

Com relação à variação lexical no inglês australiano, cita-se o site *Linguistics Roadshow*⁷, o qual foi criado por um grupo de linguistas da Universidade de Melbourne e do Centro de Excelência em Dinâmica da Língua, com o propósito de desenvolver pesquisas sobre variação na variedade australiana, assim como divulgar seus resultados para a comunidade acadêmica em geral. No *Linguistics Roadshow*, pode-se observar muitos exemplos de variação no léxico do inglês australiano, conforme exemplifica as Figuras 3 e 4 a seguir:

Figura 3 – Variação lexical do termo “bolo de batata” em inglês australiano.⁸



⁶ Disponível em: <<http://dialect.redlog.net/>>.

⁷ Disponível em: <<https://lingroadshow.com/>>.

⁸ Disponível em: <<https://lingroadshow.com/resources/englishes-in-australia/vocabulary/mapping-words-around-australia/>>.

Figura 4 – Variação lexical do termo “picolé” em inglês australiano.⁹



Tomando como base estes e os outros exemplos exibidos no site citado anteriormente, verifica-se a necessidade de abordar, nas aulas de inglês, a existência da variação em âmbito lexical, porque a língua é construída de acordo com as necessidades comunicativas de seus falantes. Como diz Crystal (1963, p. 09), “a language is what all its users make it; it is a social, not just an academic phenomenon.”

Além da variação em âmbito regional e nacional, é importante destacar que a mesma também pode ocorrer em âmbito internacional. No que se refere a este último, por exemplo, diversos estudos e pesquisas (NAJMIDDINOV, 2015; ZHENG, 2015; WILKINSON, 2014; KUTATELADZE, 2014; SCOTTO DI CARLO, 2013) evidenciam a atuação de tal fenômeno entre as variedades americana e britânica, como mostra o Quadro 1 a seguir:

⁹ Disponível em: <<https://lingroadshow.com/resources/englishes-in-australia/vocabulary/mapping-words-around-australia/>>.

Quadro 1 – Diferenças lexicais entre as variedades americana e britânica.

Variedade Americana	Variedade Britânica
<i>crazy</i>	<i>mad</i>
<i>truck</i>	<i>lorry</i>
<i>stove</i>	<i>cooker</i>
<i>checking account</i>	<i>current account</i>
<i>investment bank</i>	<i>merchant bank</i>
<i>cracker</i>	<i>biscuit</i>
<i>apartment</i>	<i>flat</i>
<i>post</i>	<i>mail</i>
<i>elevator</i>	<i>lift</i>
<i>hoarding</i>	<i>billboard</i>
<i>gas/gasoline</i>	<i>petrol</i>
<i>diaper</i>	<i>nappy</i>
<i>subway</i>	<i>underground</i>
<i>garbage collector</i>	<i>dustman</i>
<i>baggage</i>	<i>luggage</i>
<i>candy</i>	<i>sweet</i>
<i>suspenders</i>	<i>braces</i>
<i>can</i>	<i>tin / can</i>
<i>drugstore</i>	<i>Chemist's shop</i>
<i>to ring</i>	<i>to call</i>

Com base nestes e nos demais dados mencionados ao longo desta seção, percebe-se que não há como negar a importância de abordar e ensinar fenômenos de variação lexical para os aprendizes de inglês e de outras línguas também. A língua não é um sistema estático, mas sim, um sistema dinâmico que encontra-se em constante evolução. Apesar da aparente existência do caos linguístico provocado pela variação, isto não impede que a comunicação flua de forma eficiente e inteligível entre os seus falantes. A variação faz parte da língua e do dia a dia do ser humano.

Considerações finais

A variação linguística é um movimento natural de todas as línguas do mundo, que pode ser motivado por diversos fatores (social, cultural, geográfico, estilístico, etário, entre outros). Segundo Labov (2008 [1972]), são duas ou mais formas de se dizer uma mesma coisa, ou seja, modos diferentes de se referir a um mesmo fonema, conceito ou estrutura linguística. Atualmente, inúmeras pesquisas e estudos têm demonstrado a atuação de fenômenos de variação em todos os níveis da gramática e que a língua é um

sistema complexo e dinâmico que está em constante evolução para suprir as necessidades comunicativas de seus falantes.

Diante da comprovação de que a língua provém de uma natureza heterogênea e que está sujeita a sofrer processos de variação e mudança linguísticas, verifica-se que a variação precisa ser abordada de forma mais expressiva no âmbito do ensino de língua inglesa, assim como no de outras línguas também. A variação lexical é a que menos atenção recebe por parte dos docentes e instrutores de idiomas, quando estes mencionam acerca da existência de algum fenômeno em sala de aula. A maioria dos exemplos de variações citados em aula são de origem fonético-fonológica conforme se observa entre grande parte dos docentes.

Todavia, é relevante destacar que a variação também ocorre com frequência em nível lexical. Diversas pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, realizadas com falantes de língua inglesa, revelam que a variação tem atuado de forma expressiva no léxico de todas as variedades de língua inglesa seja em âmbito regional, nacional ou internacional. A partir destas evidências, torna-se aconselhável que os docentes e instrutores de inglês levem em consideração tais fatos e proporcionem aos seus alunos momentos de reflexão sobre a atuação da variação lexical. Isto se deve ao fato de que, durante a interação comunicativa com outros falantes nativos ou não, os aprendizes irão se deparar com indivíduos que adotam diferentes formas para se referirem a um mesmo conceito ou vocábulo, independentemente da região ou do país em que o inglês está sendo utilizado como veículo de comunicação e interação social.

Referências:

BECKNER, Clay; ELLIS, Nick C.; BLYTHE, Richard; HOLLAND, John; BYBEE, Joan; KE, Jynyun; CHRISTIANSEN, Morten H.; LARSEN-FREEMAN, Diane; CROFT, William; SCHOENEMANN, Tom. Language is a Complex Adaptive System - Position Paper. *Language Learning*, v. 59, supl. 1, p. 1-26, 2009.

BILLINGTON, Rosey; GAWNE, Lauren; JEPSON, Kathleen; VAUGHAN, Jill. Mapping words around Australia. 2015. Disponível em: <<https://lingroadshow.com/resources/englishes-in-australia/vocabulary/mapping-words-around-australia/>>. Acesso: 27. Nov.2016.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (eds.). *Handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

Revista de Letras Norte@mentos

Formação de Professores e Ensino, Sinop, v. 11, n. 27, p. 84-96, out. 2018.

CRYSTAL, David. A language must change, to keep pace with society. *Liverpool Daily Post*, p. 09-10, 1963.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KUTATELADZE, Maia. Major differences between american and british english in business communication. *Journal in Humanities*, Vol. 3, Issue 2, p. 23-26, 2014.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. *Complex systems and applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. Complex systems and applied linguistics. *International Journal of Applied Linguistics*, 17(2), p. 226-239, 2007.

NAJMIDDINOV, A. Study the differences between american and british English. *The Advance Science Journal*, issue 3, p. 75-78, 2015.

SCOTTO DI CARLO, Giuseppina. Lexical differences between american and british english: a survey study. *Language Design*, 15, p. 61-75, 2013.

VAUX, Bert; GOLDBERGER, Scott A. *The Harvard Dialect Survey*. Cambridge, MA: Harvard University Linguistics Department, 2003. Disponível em: <<http://dialect.redlog.net/>>. Acesso: 08.nov.2016.

WIENREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

WILKINSON, Michael. Using keyword tools to explore lexical differences between british and american english in specialised corpora. *CALL-EJ Journal*, 15 (1), p. 21-38, 2014.

WOLFRAM, Walt; SCHILLING, Natalie. *American English dialects and variation*. 3ª ed. Malden/Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

ZHENG, Ling. Differences between american english and british english in lexicology. *US-China Foreign Language*, vol. 13, nº. 9, p. 623-627, 2015.

LEXICAL VARIATION AND ENGLISH TEACHING

ABSTRACT:

As languages are from a heterogeneous nature and are subjected to different kinds of influences, it is verified the necessity of the English learners have knowledge of the existence of variation in the language which they have been learning. The importance of it consists of allowing speakers

of a certain language keep an intelligible and comprehensible communication with speakers of the same language. This article aims to discuss and demonstrate the relevance of approaching lexical variation in English teaching field due to most of the teachers and language instructors do not give the proper attention to linguistic phenomena teaching.

Keywords: Lexical Variation, Teaching, English Language.